

ALIMENTANDO MEMÓRIAS: MOMENTOS DO PASSADO PELOS OLHOS DE QUEM O VIU

Gabriela Silva Domiciano
PPGACV/FAV/UFG

ISSN 2316-6479

Resumo

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. A investigação, realizada junto a alunos do curso de Serviço de Alimentação, na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, teve foco na interação de visualidades ligadas à alimentação. Embasados nos referenciais da educação da cultura visual, buscamos compreender a relação entre os sujeitos e as imagens, destacando a maneira como estas contribuem para a emersão e reinvenção de memórias.

Palavras-chave: Alimentos. Cultura Visual. Memória.

Abstract

This work presents partial results of a research in progress at the Postgraduate Program in Art and Visual Culture in the School of Visual Arts — Federal University of Goiás. The investigation was developed with students of the course on Service for Alimentation, a Youth and Adult Education Modality of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Goiás. The research focused the interaction of visualities and their relation with food. Based on the principles of visual culture education we trying to understand the relations between individuals and images highlighting the way these images contribute to the emersion and reinvention of memories.

Keywords: Food. Visual Culture. Memory.

1 Introdução

Atualmente vivemos em um momento de grande expansão na produção e circulação de imagens, presentes de diversas formas em nossas vidas, refletindo a realidade e ao mesmo tempo compondo-a. Assim, é preciso “levar em conta a influência e o impacto que as imagens exercem sobre a identidade, a subjetividade, ou seja, sobre a vida das pessoas” (TOURINHO; MARTINS, 2012, p. 11).

Através das visualidades do dia a dia é possível investigar e observar sentidos que criamos para diversos aspectos do cotidiano. Novamente, nas palavras de Tourinho e Martins (2012, p. 11), fica evidente que “buscar compreender as culturas das imagens de nosso tempo pode abrir caminho para entender a sociedade em que vivemos, suas contradições, seus conflitos, seus dilemas educacionais, e, sobretudo, seus medos, esperanças e utopias”.

Ao mencionar cotidiano, me refiro à realidade dos sujeitos em suas comunidades, num espaço e tempo articulados com passado, presente e futuro, concebendo tal contexto como fruto criativo dos envolvidos, dando destaque à visualidade cultural da vida comum de um determinado grupo. Não somente expondo essa visualidade, mas, procurando entender como ela é apropriada e passa a integrar o imaginário dessas pessoas (DIAS, 2012).

Este artigo se propõe a focar um desses aspectos cotidianos: a alimentação, sem reduzi-la a simples necessidade fisiológica, mas, destacando, como seres culturais que somos, seus inúmeros significados. O texto apresenta resultados parciais de uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais — Universidade Federal de Goiás, nível mestrado.

2 Pesquisa: modos de fazer

Ao começar a planejar a pesquisa, era preciso definir um modo de fazê-la, um meio pelo qual poderíamos chegar a algumas respostas para indagações que nos acompanham e/ou a novas perguntas. Essa definição se daria à medida em que fosse definido o que seria estudado, pois, como afirma Flick (2004) “o objeto em estudo é o fator determinante para a escolha de um método e não o contrário” (p. 21). Considerando que objeto de estudo e metodologia de pesquisa são elementos interdependentes, a escolha dos procedimentos metodológicos adotados neste trabalho manteve em sintonia as relações entre o foco do estudo e o trabalho de campo.

A investigação aconteceu junto aos alunos do curso Técnico em Serviço de Alimentação do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Segundo o site da instituição¹, o curso tem por objetivo oferecer o ensino médio junto a formação profissional para a seleção, armazenamento, higienização, preparo, finalização de pratos e elaboração de cardápios, tendo duração de três anos e meio.

A escolha de trabalhar com os alunos desse curso se deu em função da possibilidade de investigar uma temática que articulasse imagem e alimento. Como foco motivador do projeto, foi proposta a seguinte questão: como futuros profissionais da área de alimentação enxergam seu próprio objeto de trabalho e que relações subjetivas estabeleciam com ele? Através de imagens, buscamos compreender sentidos, significados e sentimentos que eles e elas constroem e

1 Informações disponíveis em: <<http://www.goiania.ifg.edu.br/index.php/cozinha>> Acesso em 06 de novembro de 2013.

manifestam, situando comida e alimentação numa perspectiva de conhecimento cultural, social e artístico.

Adotamos a perspectiva da educação da cultura visual, considerando a mútua relação entre o que se vê e quem olha, ou seja, entre a experiência social do ver e a experiência de ser visto. Nesse sentido, procuramos destacar o papel central do sujeito que vê e, também, os efeitos e impactos que as imagens podem ter na subjetividade desse mesmo sujeito (HERNÁNDEZ, 2010).

Buscamos sentidos para a experiência cultural da alimentação, levando em consideração “o papel central das experiências culturais do olhar”(HERNÁNDEZ, 2010, p. 61), considerando que “[...] ‘o ato de olhar’, a percepção visual, não é um ato apenas cognitivo, mas também afetivo, envolvendo memória, sensibilidade, experiências e subjetividades” (TOURINHO; MARTINS, 2013, p. 72).

Considerando as ideias expostas até aqui, o termo “objeto em estudo” (FLICK, 2004, p. 21), no sentido estrito do termo, talvez, não seja o mais adequado. Afinal, “Os seres humanos são os pesquisadores. Os seres humanos são os sujeitos do estudo” (STAKE, 2011, p. 46). Assim, fica evidente que a pesquisa envolvendo colaboradores, ou seja, pessoas assim como nós, os faz sujeitos da pesquisa tanto quanto os pesquisadores. Vale ressaltar que os sujeitos colaboradores detêm informações e apreendem sentidos que, a partir da produção e interpretação dos dados, possibilitam a construção dos significados que configuram a pesquisa. Sem elas – informações, percepções, atitudes e práticas construídas social e culturalmente – pesquisadores não teriam como ter acesso, produzir e sistematizar esse tipo de conhecimento. Esta abordagem ressalta a necessidade de

[...] compreender os fenômenos sociais a partir de atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntes nas ciências naturais, métodos qualitativos em vez de quantitativos, com vista à obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objetivo, explicativo e nomotético (SANTOS, 2004, p. 38, tradução da autora).

Em sintonia com essa concepção e conceitos, fica evidente que a abordagem mais adequada a este estudo é a metodologia qualitativa, na qual as interpretações “destacam os valores e experiências humanas” (STAKE, 2011, p. 47), e preconiza o fato do pesquisador evidenciar a realidade como socialmente construída, destacando a maneira como a experiência social é criada e significada (DENZIN & LINCOLN, 2006). Como diz Santos (2004),

O argumento fundamental é que a ação humana é radicalmente subjetiva. O comportamento humano, ao contrário dos fenômenos

naturais, não pode ser descrito e muito menos explicado com base nas suas características exteriores e objetiváveis, uma vez que o mesmo ato externo pode corresponder a sentidos de ação muito diferentes (p. 38, tradução da autora).

Caminhamos com Santos (2004) no sentido de entender que aquilo que observamos são características exteriores de processos bem mais complexos sobre os quais temos apenas uma camada de compreensão. Assim, é importante destacar a natureza sempre incompleta do conhecimento, como Stake explica (2011, p. 57):

Em suas tentativas de entender como os elementos sociais funcionam, a maioria dos pesquisadores qualitativos trata cada ser humano e o grupo de todos os seres humanos como estando além de uma compreensão total. [...] Estudamos as relações humanas sem esperar determinar precisamente sua natureza essencial, porque o conhecimento para isso está muito além da construção daquilo que podemos saber.

Nesse sentido, também nos aliamos às ideias de Aguirre (2011, p. 70) ao afirmar que “os estudos de cultura visual devem avançar de uma pedagogia da crítica cultural a uma pedagogia da experiência”. Desse modo, ao realizar a produção de dados, a intenção foi propiciar aos alunos um espaço para situar de refletir sobre suas próprias experiências, buscando um saber que

[...] tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal (BONDIA, 2002, p. 27).

Ainda sobre a definição da abordagem qualitativa como norteadora desta investigação, ressaltamos que a escolha de procedimentos, dentro da ampla multiplicidade de métodos e técnicas, foi tarefa complexa. Não foi possível definir com propriedade os passos e procedimentos antes da ida a campo, ou seja, desconhecendo o que poderia ser encontrado. Levando isso em consideração, a visão do pesquisador como um *bricoleur* ganhou destaque:

Como *bricoleur* ou confeccionador de colchas, o pesquisador qualitativo utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance (BECKER, 1998, p. 2). Havendo a necessidade de que novas ferramentas ou técnicas sejam inventadas ou reunidas, assim o pesquisador fará. As opções de práticas interpretativas a serem

empregadas não são necessariamente definidas com antecedência. A “escolha das práticas da pesquisa depende das perguntas que são feitas, e as perguntas dependem de seu contexto (NELSON *et al.*, 1992, p. 2), do que está disponível no contexto e do que o pesquisador pode fazer naquele cenário (DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 18).

Houve um planejamento prévio, uma ideia do que poderia ser desenvolvido, porém, tal plano era apenas um roteiro de possibilidades que poderia ser alterado/ajustado de acordo com as circunstâncias, instabilidades, imprevistos que viessem a surpreender permitindo adotar atitude e flexibilidade de um *bricoleur*. Assim, a produção de dados teve como base o que aconteceu na pesquisa de campo. Observações, acontecimentos e outros detalhes foram registrados em áudio e em anotações no caderno campo. As imagens trazidas pelos colaboradores também são parte desses registros.

A ida a campo pode ser descrita em três etapas. A primeira, de caráter preparatório, incluiu consulta a coordenação responsável pelo curso Técnico em Cozinha sobre a possibilidade de realizar a pesquisa e, ainda, visita às salas de aula para apresentar e convidar os alunos a participarem da pesquisa. Seis alunos participaram da pesquisa, sendo cinco mulheres e um homem, com idades entre 39 e 61 anos, dois, matriculados no segundo período do curso, duas no terceiro e duas do sexto períodos.

Na segunda etapa, foram realizadas seis entrevistas individuais (FLICK, 2009). Como estímulo às entrevistas, foram utilizadas imagens (FLICK, 2009) relacionadas ao tema da pesquisa, ou seja: experiência pessoal e alimentação. As imagens foram trazidas pelos colaboradores, em resposta a solicitação para que escolhessem imagens que, de alguma maneira, representasse o modo como se relacionavam com o tema alimentação. Utilizei, também, um roteiro elaborado previamente, com tópicos semi-estruturados (FLICK, 2009). A primeira e segunda etapa da ida a campo aconteceram durante o segundo semestre de 2013.

A terceira etapa ocorreu em 18 de fevereiro de 2014, quando foi realizado um grupo focal com cinco dos colaboradores, para a “produção de dados e *insights* que seriam menos acessíveis sem a interação verificada em um grupo” (FLICK, 2009, p. 188). Foi criado um guia de tópicos, ou roteiro (BARBOUR, 2009), com base na análise das entrevistas feitas, e, como material de estímulo para incentivar a interação (BARBOUR, 2009), foi solicitado que os colaboradores escolhessem duas das seis imagens levadas por eles nas entrevistas individuais.

3 (Re)Memorando e nutrindo histórias



Imagem 1: Fotografia cedida pela colaboradora S., autoria desconhecida, dezembro de 1961.

Imagem, assim mais tocante que eu tenho de comida, da minha infância, é essa, porque nossa comida de casa era sempre assim trivial né! Então a coisa que na minha infância, que chocou, chamou a atenção, ficou gravado, mesmo, foram essas épocas assim, que a gente comia muita guloseima diferente do nosso trivial (Entrevista concedida por S. em 30 de outubro de 2013).

Nesta seção do texto, apresentamos uma análise de uma imagem e entrevista concedidas. É uma mostra, um recorte e aspectos da pesquisa que ainda está sendo desenvolvida. A fotografia acima foi trazida por S., 58 anos, estudante e trabalhadora no setor de confecção têxtil. Na imagem ela é primeira criança à esquerda, acompanhada de sua família - irmãos, primos, pais, tios - numa festa de Natal no ano de 1961. Em relação a imagem ela diz o seguinte:

... Eu escolhi essa imagem, porque é nessa época aqui, era sempre... Natal, a gente morava numa colônia que estava colonizando o Setor Bueno e Jardim América, que são bairros aqui da capital. E havia muita gente morando ali, era uma chácara, assim, que tinha muitas pessoas que vieram pra trabalhar e moravam ali. Então, os donos de lá eram alemães (Entrevista concedida por S. em 30 de outubro de 2013).

Ela destaca, ainda, a localização da chácara e as atividades que eram realizadas lá:

[...] onde hoje compreende ali, do Goiânia Shopping até a Igreja Videira, ali no Setor Bueno [...] Então a Chácara Santa Tereza era ali naquele espaço, e o pessoal todo vivia ali dentro, tinha índio, tinha japonês, baiano os pais trabalhavam, as crianças ficavam ali, aprendiam alguma coisa também, trabalhavam muito... os homens

trabalhavam muito abrindo ruas no Setor Bueno, trabalhavam na chácara, as mulheres na Tinha tipo uma pensão que fornecia comida para os colonos, eles mexiam com flores, com plantação, enxerto de plantas. Então as crianças estavam sempre ali interagindo ali naquele meio (Entrevista concedida por S. em 30 de outubro de 2013)

Através da fotografia S. relembra sua infância e seu relato inclui também uma visão da constituição de parte da cidade de Goiânia, da formação de alguns bairros que atualmente diferem muito da descrição que ela constrói. Ao utilizar a memória, S. faz

uso deste exercício de voltar atrás, buscar aquilo que nos afeta, que deixou marcas, adentrar, arriscar a lembrar fatos e passagens que nem sempre trazem satisfações. Rememorar é organizar o pensamento em forma de relato escrito, oral, visual. Buscar dar uma organicidade ao pensamento para melhor exteriorizá-lo (OLIVEIRA, 2011, p. 180).

Reafirmando a explicação de Oliveira, o relato da colaboradora deixa claro que “a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado” (KESSEL, 2011, p. 2). Portanto, o exercício da memória está intimamente ligado a imaginação permitindo que a colaboradora articule suas experiências e vivências passadas relacionando-as às práticas ao presente, ressignificando-as.

O ato de lembrar não é apenas uma tentativa de voltar-se para o passado, é necessário que haja uma motivação presente, atual, que dê sentido às memórias (ROCHA; ECKERT, 2001). No caso deste relato a motivação foi a participação na pesquisa, situação que a levou a rememorar, organizar e exteriorizar seus momentos de vivências significativas, ou seja, de experiências vividas na infância. Esse exercício não deve ser entendido apenas como uma repetição de fatos passados, mas, como manifestação de formas narrativas, imaginativas e criativas. Esse deslocamento temporal, que motivou S. A revisitar experiências vividas na infância, configura o “fenômeno da memória e da duração como fabricações intelectuais, produtos da inteligência humana que se conduz reflexivamente no mundo, ou seja, produtos da imaginação criadora” (ROCHA; ECKERT, 2001, p. 28). Nesse sentido, podemos dizer que aspectos da criatividade estão presentes na exteriorização das memórias, no processo de lembrar e selecionar quais memórias seriam expostas.

Tanto na forma visual, através da imagem, quanto na oral, por meio do relato, S. desenvolveu um olhar retrospectivo, investigando, nas próprias vivências, situações, experiências nas quais os alimentos tiveram papel significativo na elaboração de momentos que hoje são memórias. A imagem que ela trouxe

não enfoca diretamente alimentos, mas, sua fala os menciona como marcadores temporais, ou seja, havia os alimentos cotidianos e aqueles próprios de ocasiões especiais. Como marcadores sociais, esses elementos ganham intensidade da descrição da colaboradora:

Na época de natal havia, assim, sabe, uma festa, um banquete muito bonito e toda família ganhava, todos os membros da família ganhavam uma cesta básica naquele dia. Uma cesta diferente com bombons, bolachas recheadas, é... sonho de valsa... coisas assim... salame, alguns embutidos, defumados, coisas que no nosso dia a dia nós não víamos, era muito diferente para nós, guaraná, coisas assim que eram raras, era só no final de ano... umas latas de bolacha recheada bem diferente, importadas mesmo, que nós, na nossa... condição, a gente não tinha acesso aquilo. Não existia shopping naquela época, então, nós não tínhamos acesso, era só naquela festa que a gente via aquelas guloseimas. Era pato recheado, macarrão assado, coisas que não faziam parte da nossa realidade (Entrevista concedida por S. em 30 de outubro de 2013).

Assim, o alimento ganha proeminência embora não seja um fim em si mesmo, pois, “o que se come é tão importante quanto quando, onde, como e com quem se come” (FREIRE, 2011, p. 455), dimensões que criam rituais, transmitem e transformam valores. Mais do que somente suprir as necessidades fisiológicas do corpo, o comer “envolve partilha, comensalidade, o que transforma o ato alimentar em um acontecimento social” (MACIEL, 2001, p. 150). Acontecimento que ajuda a reforçar laços de determinados grupos, neste caso, a família de S. e demais pessoas que conviviam na Chácara Santa Tereza, porque estar junto e dividir o momento de comer significa partilhar “sensações, tornando-se uma experiência sensorial compartilhada” (MACIEL, 2001, p. 150).

4 Considerações finais

Esse recorte, uma mostra de resultados ainda parciais da pesquisa, de alguma maneira aponta e ajuda a compreender alguns temas que emergiram das imagens e discursos dos colaboradores a partir da produção de dados – imagens e entrevistas – na realização do trabalho de campo. Nesse sentido, fica evidente uma temática que está presente de maneira mais intensa nos dados produzidos até aqui: a maneira pela qual as imagens relacionadas à alimentação contribuem para a (re)elaboração de memórias, demarcando subjetividades e identidades.

Memória e subjetividade são fatores fundamentais na construção de identidades. Dessa forma, como elementos partícipes das práticas de alimentação, a comida nutre tanto a identidade e a subjetividade desses sujeitos como profissionais, quanto as identidades e subjetividades pessoais e coletivas.

Como mencionamos anteriormente, os resultados apresentados neste texto são uma espécie de ensaio, um pequeno recorte que sinaliza ao mesmo tempo em que confirma as ricas possibilidades de análise e de interpretação de dados dos processos e interações que ocorreram durante a pesquisa de campo. Vale ressaltar que as memórias fazem parte de uma configuração de elementos que envolvem sentidos e ações, percepção e imaginação, sonhos e modos de ser. No caso desta investigação, elas envolvem as lembranças dos colaboradores da pesquisa, mas, também, os registros e recordações do trabalho e da ida a campo. As memórias, também nos ajudam a manter em perspectiva a compreensão de que as “lembranças não são falsas ou verdadeiras, simplesmente contam o passado através dos olhos de quem o vivenciou” (GOLDENBERG, 1998, p. 56).

Referências

- AGUIRRE, Imanol. Cultura visual, política da estética e educação emancipadora. In: TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo (Orgs.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2011, p. 69-111.
- BARBOUR, Rosaline. *Grupos Focais*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 19, jan./abr. 2002, p. 20-28.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (orgs.) *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DIAS, Belidson. Arrastão: o cotidiano espetacular e práticas pedagógicas críticas. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Culturas das imagens: desafios para a arte e para a educação*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2012, p. 55-73.
- FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FREIRE, Dirce de Sá. Com açúcar, sem afeto. In: PRIORE, Mary del; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 453-476.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Como pode a educação da cultura visual contribuir com a educação das artes. In: TEIXEIRA, Edvânia Braz; ASSIS, Henrique Lima (Orgs.). *Educação das artes visuais na perspectiva da cultura visual: conceituações, problematizações e experiências*. Goiânia, 2010, p. 59-86.

KESSEL, Zilda. *Memória e Memória Coletiva*. Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca>> Acesso em 29 nov. 2013.

MACIEL, Maria Eunice. Cultura e alimentação ou o que tem a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, n. 16, dez. 2001, p. 145-156.

OLIVEIRA, Marilda. Por uma abordagem narrativa e autobiográfica: diários de aula como foco de investigação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). *Educação da cultura visual: conceito e contextos*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 69-111.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho de; ECKERT, Cornelia. Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.) *Imagem e memória: ensaios em antropologia visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001, p. 19-39.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2004.

STAKE, Robert E. *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso, 2011.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Entrevistas das imagens na arte e na educação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Culturas das imagens: desafios para a arte e para a educação*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2012, p. 9-13.

_____. Reflexividade e pesquisa empírica nos infiltráveis caminhos da cultura visual. In: TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. *Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação*. Santa Maria: Editora UFSM, 2013, p. 61-76.

Minicurrículo

Gabriela Silva Domiciano graduou-se em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás, em 2012. Atualmente cursa mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Universidade Federal de Goiás.